

**OLHAR OLHARES SOBRE NÓS:
A COLONIALIDADE EPISTÊMICA NA FILOSOFIA
ENTRE A FRANÇA E O BRASIL**

Gabriel Silveira de Andrade Antunes¹

I. Dando a franceses o olhar de um pai

A configuração hegemônica da filosofia universitária no Brasil resulta em grande parte da influência de professores franceses que lecionaram na Universidade de São Paulo (USP) desde 1935 até 1950². Efetivamente, o departamento de filosofia que teve a maior nota nas últimas avaliações da CAPES³ e conta com o maior número de pesquisadores dos mais altos estratos no ranking do CNPq⁴ o reconhece explicitamente em sua página, onde lemos que para moldar o espírito do curso “foi decisiva a presença de professores como Jean Maugué, Martial Guérout e Victor Goldschmidt”⁵. Cabe destacar que esses professores não vieram para cá graças a contatos pessoais fortuitos com intelectuais brasileiros que intercederam por sua contratação. Segundo portal conjunto das bibliotecas nacionais do Brasil e da França⁶, eles foram selecionados por Georges Dumas, porta voz à época do *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l’Amérique Latine*. Além disso, no que parece testemunhar a importância dada pelo Estado francês àquela política na época, de acordo com Jean Maugué⁷ em sua autobiografia, os professores enviados à USP em fevereiro de 1935 tiveram seu salário quase dobrado pelo então encarregado do *Service des Oeuvres*

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília (2015), pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde – GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq) e professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

² De acordo com Denilson Soares Cordeiro, a vinda de professores franceses para ocupar cátedra na USP se estendeu de 1934 a 1990, com algumas interrupções. Maugué lecionou na USP entre 1935 e 1943 e Martial Guérout entre 1948 e 1950. Ainda conforme Cordeiro, Victor Goldschmidt foi professor de vários professores e pesquisadores da USP na *Université de Rennes*. Para mais informações, consultar CORDEIRO, Denilson Soares. *A formação do discernimento: Jean Maugué e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade de São Paulo, FFLCH, 2008.

³ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Entidade ligada ao Ministério da Educação brasileiro que atua na expansão, consolidação e avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no país.

⁴ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Instituição vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações.

⁵ DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA. Professores do departamento. Disponível em: <<http://www.filosofia.fflch.usp.br/docentes>>. Acesso em 01 julho 2018.

⁶ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. La mission française à l’Université de São Paulo. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/francebr/frances/usp.htm>>. Acesso em 01 julho 2018.

⁷ MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel, 1982. p. 93.

Françaises à l'Étranger (um organismo do Ministério de Relações Exteriores francês da época).

Ainda que da década de trinta até nossos dias tenha havido o estabelecimento de relações com pesquisadores e instituições de outros países – especialmente EUA, Inglaterra e Alemanha –, o ambiente intelectual francês e a USP seguem tendo destacada importância nos estudos de filosofia do país. Essa avaliação encontra amparo, por exemplo, na consideração dos currículos dos pesquisadores dos dois estratos mais elevados do ranking da área do CNPQ (classificações *IA* e *SR*). Neles vê-se que, dos treze pesquisadores dessa elite, sete trabalham ou trabalharam na USP. Observa-se ainda que cinco dos treze fizeram doutorado ou pós-doutorado naquela universidade e seis dos treze pesquisadores melhor qualificados fizeram doutorado ou pós-doutorado na França. Apenas quatro dos treze pesquisadores dos estratos mais altos do ranking de filosofia no Brasil não fizeram doutorado ou pós-doutorado na USP ou na França. Vale notar, por contraste, que nenhum deles fez qualquer etapa de sua formação em Portugal (que constituiu o Brasil como sua colônia desde 1500 até 1822), quatro fizeram pós-doutorado na Inglaterra, três nos EUA e apenas dois fizeram doutorado ou pós-doutorado na Alemanha. Das outras universidades brasileiras com programas de pós-graduação, apenas UNICAMP e UFPR têm, cada uma, um pesquisador formado nelas classificado nos patamares mais altos do ranking do CNPQ.

O antigo estudante e atual professor da USP Paulo Arantes, num livro referência dos estudos de história da filosofia no Brasil⁸, considerou as diretrizes do *normalien* francês Jean Maugué para sua universidade como o documento inaugural da formação e da técnica filosófica séria no país⁹. O documento foi produzido pelo membro da missão francesa em resposta à demanda da universidade de um programa de trabalho de sua disciplina. A formação em filosofia proposta por Maugué voltava-se, então, para a constituição de um discernimento histórico que permitisse situar as novas ideias no suposto conjunto da perspectiva filosófica. Com efeito, lê-se nessas diretrizes de 1935 que “os filósofos clássicos são os pontos fixos da história. Se o presente não se situar exatamente em relação ao passado, será como um navio que perdeu a rota”¹⁰. Estabelecendo o ensino da história da filosofia (europeia) como fundamento do ensino de filosofia no Brasil, Arantes destaca que o dito *Pai Fundador* propunha “sem tirar nem pôr, a mesmíssima base sobre a qual se alicerçava o

⁸ ARANTES, Paulo. *Um Departamento Francês de Ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

⁹ Essa interpretação foi sustentada também por Denilson Soares Cordeiro, *op. cit.*

¹⁰ MAUGÜE, Jean. *O ensino de filosofia e suas diretrizes*. **Kriterion**, no 29-30, jul-dez 1954, p. 230.

ensino francês de filosofia”¹¹. Além disso, Arantes julga que a forte dependência na situação de transplantar o modo de trabalho da academia francesa para a nova universidade é um aspecto indesejável das missões francesas que, no entanto, teria sido amplamente compensado pela modernização proporcionada¹².

II. Diante de espelhos

Na sequência da vinda periódica de professores franceses para a Universidade de São Paulo, o estudo dos clássicos (europeus) ganhou impulso adicional com a chegada de Martial Guérout. Desse momento das missões francesas em diante estabeleceu-se nos estudos universitários de filosofia em todo o país uma fortíssima influência do chamado método estrutural de leitura de textos, fazendo da análise das obras canônicas a atividade central e praticamente exclusiva da filosofia universitária. Com o passar do tempo, porém, surgiu uma incômoda perspectiva de que não se fazia filosofia na USP, mas somente história da filosofia. Enquanto uns julgam essa situação adequada em vista dos impactos do contexto histórico-político brasileiro sobre as universidades durante a ditadura militar¹³, há vinte anos um dos professores que mais havia trabalhado na promoção do método estrutural criticou duramente seus efeitos. Oswaldo Porchat Pereira¹⁴ apontou que a formação sólida em conhecimentos historiográficos poderia estar frustrando o anseio dos alunos de elaborar reflexões filosóficas por si mesmos. Em uma confrontação ainda mais incisiva, na Universidade de Brasília, na mesma época, um estudante atacou a formação da instituição pregando nas paredes uma série de afirmações intituladas *A arte de analisar poeira: comentários sobre comentadores*. Murilo Seabra começou aquele ato com a cáustica proposição: “O que está no âmago do comentador é o remorso: Eu queria ter tido essa ideia”¹⁵. Como alternativa à formação exclusivamente exegética, o manifestante defendia que se criassem disciplinas nas quais estudantes e professores desenvolvessem e apresentassem suas ideias. Os protestos do professor e do estudante não tiveram, naquela época, consequências nas atividades desenvolvidas nos seus

¹¹ ARANTES, Paulo. *op. cit.* p. 74.

¹² *Ibidem*.

¹³ Entre outros, ver: TERRA, Ricardo. *Não se pode aprender filosofia, pode-se apenas aprender a filosofar. Discurso*. n° 40. 2010. p. 9-38. CARVALHO, Marcelo. *Passé et présent de la philosophie au Brésil, Rue Descartes*. n° 76. 2012. p. 126-136. NOBRE, Marcos. *Du paradigme de la « formation » aux « réseaux contre-hégémoniques » – la philosophie au Brésil. Rue Descartes*. n° 76. 2012. p. 121-142.

¹⁴ PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. *Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. Fundamento*. V. 1, N. 1 – SET.-DEZ. 2010. Disponível em: <www.revistafundamento.ufop.br/Volume1/n1/vol1n1-2.pdf>. Acesso em 28 Abr 2014.

¹⁵ SEABRA, Murilo. *A arte de analisar poeira: uma rediscussão. RESAFE*. n° 3. 2004.

departamentos. Aponta nessa mesma direção de confinamento da filosofia às suas expressões canônicas e eurocêntricas a recente expulsão do doutorando Teófilo Reis de uma das mais destacadas instituições de pesquisa em filosofia brasileiras sob o pretexto do departamento não contar com professor especializado para orientar um estudo no qual a obra do filósofo ganês Kwame Appiah seria referência fundamental¹⁶.

Parece, com isso, que dando sequência às diversas formas de genocídio da modernidade/colonialidade, aniquilar produtores de pensamento pela história eurocêntrica da filosofia foi uma tradição da universidade francesa transplantada na USP e dali difundida para todo país. Podemos notar com Armijos Palácios¹⁷, Seabra¹⁸, Suely Carneiro¹⁹ e Cabrera²⁰ que nesse processo pedagógico a criação teórica é perpetuada como possibilidade dos pensadores de países do norte brancos e negada a africanos, asiáticos, brasileiros e latino-americanos – especialmente na medida em que não sejam brancos. Essa persistente hierarquização de base colonial da produção de saber vem sendo chamada por pensadores como Aníbal Quijano²¹, Enrique Dusse²² ou Achille Mbembe²³ de colonialidade epistêmica. Assim, graças a tal ordenamento do poder, ao contrário da fórmula otimista de professores alinhados com a situação atual de que a história da filosofia e a reflexão filosófica sobre a atualidade se nutrem reciprocamente²⁴, julgo que o eurocentrismo da cultivada história da filosofia e a subalternização dos pensadores da periferia mundial se alimentam um ao outro.

Há três anos publiquei um artigo de orientação semelhante a dos críticos da situação da filosofia no Brasil mencionados acima. Em desacordo com o tom conciliatório de Arantes, defendi²⁵ que com as diretrizes fundadoras dos estudos filosóficos da Universidade de São

¹⁶ REIS, Teófilo. *Carta aberta ao Departamento de Filosofia da UNICAMP*. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/carta-aberta-ao-departamento-de-filosofia-da-unicamp/>>. Acesso em 01 julho 2018.

¹⁷ ARMIJOS PALÁCIOS, Gonçalo. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio*. Goiânia: UFG, 1997.

¹⁸ SEABRA, Murilo. *op. cit.*

¹⁹ CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em Filosofia da Educação. Universidade de São Paulo, FEUSP, 2005.

²⁰ CABRERA, Julio. *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

_____. *Comment peut-on être un philosophe français au Brésil ?*. **Cahiers Critiques de Philosophie**. n° 16. Août-septembre 2016, p. 59-85.

²¹ QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. In: _____. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 777-832.

²² DUSSEL, Enrique. *Una nueva edad en la historia de la filosofía: el diálogo mundial entre tradiciones filosóficas*. **Educación Superior**. n° 43-44. jan/abr. 2009. p. 44-58.

²³ MBEMBE, Achille. *Decolonizing the university: New directions*. **Arts & Humanities in Higher Education**. n° 1. 2016. p. 29-45.

²⁴ FIGUEIREDO, Vinicius de et al., *Comment peut-on être philosophe...au Brésil ?*. **Rue Descartes**. n° 76. 2012. p. 1-6.

²⁵ SILVEIRA, Gabriel. *A modernização do pensar como violência: o legado das missões francesas da USP e o caso Jean Maugué*. **Problemata**. v. 6. 2015. p. 202-221.

Paulo tivemos somente uma atualização da dependência cultural. Afinal, a meta oferecida pelo missionário laico francês aos estudantes brasileiros era de se estar bem situado na filosofia somente ao compartilhar das mesmas referências fundadoras do pensar europeu, como se não pudéssemos descobrir ou constituir referências fora de seus clássicos. Com as diretrizes de Maugüé mantem-se nitidamente o esquema em que tudo que não seja europeu é irrelevante, primitivo, inferior. Desse modo, a outra face da dedicação completa aos clássicos europeus da filosofia é o menosprezo completo pelo pensamento e pelas práticas que não sejam próprios deles. Nesse sentido, os obstáculos à criação recente de uma disciplina dedicada à filosofia africana em um departamento de filosofia no Brasil mostra a atualidade desse racismo epistêmico²⁶.

A dinâmica de modernização excludente do pensamento em terras brasileiras se observa, por exemplo, quando Maugüé considera em sua autobiografia que o positivismo de Auguste Comte tinha sido para o Brasil o modo de se libertar “de um fetichismo bastante africano”²⁷. Na obra de Maugüé, *Les dents agacées*, é recorrente a hierarquização de povos, Estados, espaços e culturas, supondo uma superioridade francesa. A missão francesa da USP é ali descrita como um exílio para longe de onde ocorrem os eventos históricos importantes²⁸, a natureza do Brasil evoca ao professor eras geológicas passadas²⁹ e a cidade de São Paulo desafiaria a viver num universo inacabado³⁰. Entre frequentes observações psicológicas da elite e do povo paulistano, Maugüé considera que crer e imitar a superioridade da cultura europeia era “a deliciosa fraqueza dos brasileiros”³¹. O professor de filosofia apresentou ainda índios e negros como antiguidades destinadas a desaparecer e afirmou que estes foram objetos fundamentais para as carreiras de Lévi-Strauss e Roger Bastide³². Depois de narrar um encontro seu com índios em Goiás, Maugüé afirma que eles não sabiam de nada do que se passava no mundo³³. Estranhamente, aquele professor reputado como pai dos estudos filosóficos sérios no Brasil escreveu:

Eu nunca me senti verdadeiramente, profundamente interessado pelo destino político do povo brasileiro. Se era difícil eu não estar separado disso que a gente chama de povo em Paris, como eu não o teria sido em São Paulo, e duplamente, como francês

²⁶ FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *Entrevista. Ensaios Filosóficos*. v. 15. Julho/2017. p. 156-158.

²⁷ MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel, 1982.

²⁸ *Ibidem*. p. 80.

²⁹ *Ibidem*. p. 83-4.

³⁰ *Ibidem*. p. 88.

³¹ *Ibidem*. p. 92.

³² *Ibidem*. p. 94.

³³ *Ibidem*. p. 121.

primeiro e como intelectual depois.³⁴

Murilo Seabra, Laura Tolton e Luke Pendergast³⁵ apresentaram resultados preliminares de uma pesquisa empírica que coletou dados junto a membros de cursos de filosofia em sete universidades brasileiras. A pesquisa com questionários encontrou uma variação na avaliação de um excerto entre quando esse era atribuído a um suposto autor francês e quando era atribuído a um suposto autor brasileiro. A análise estatística dos questionários aplicados a estudantes de pós-graduação e professores universitários da área

indicou um claro favorecimento do autor francês em detrimento do autor brasileiro. Numa escala de -10 a 10, os participantes deram uma nota média 1,92 pontos mais alta para o autor francês nas primeiras cinco perguntas avaliativas do Excerto 1 do que para o autor brasileiro ($p = 0,035$; 95%IC = [0,135; 3,713]).³⁶

O impulso eurocêntrico fundador de Maugüé parece assim se expressar de forma mecânica na leitura e no julgamento de textos da comunidade universitária brasileira de filosofia atual. Em vista da análise de Seabra e de seus colaboradores, parece razoável supor que a academia brasileira de filosofia funcione de tal modo que marginaliza e estigmatiza a produção de seus próprios membros, estando pronta para produzir situações de invisibilização como aquela por que passou Virgínia Bicudo no âmbito das ciências sociais na USP³⁷. Inversamente, vale lembrar o caso de Newton da Costa: ele passou a ser convidado a dar conferências pelo Brasil depois que um trabalho seu foi publicado na França³⁸.

III. Um “pai” sob olhares críticos

Quando as instituições de ensino e pesquisa de filosofia no Brasil reforçam privilégios e segregações de matriz colonial, sustentam a perpetuação da ordem epistêmica apontada acima. Considerando o artigo *Décoloniser les institutions* de Seloua Luste Boulbina, somos levados a pensar que a colonialidade na academia francesa não é somente algo do passado.

³⁴ *Ibidem*. p. 112.

³⁵ SEABRA, Murilo; TOLTON, Laura; PENDERGAST, Luke. *Neutralizando o argumento da qualidade: resultados preliminares de um estudo de filosofia experimental*. **Revista ideiação**. nº 35. Jan./jun. 2017. p. 133-191.

³⁶ *Ibidem*. p. 149.

³⁷ Sobre isso, ver GOMES, Janáina Damasceno. *Os Segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, FFLCH, 2013.

³⁸ COSTA, N. C. A. *Transcrição da Entrevista com o Professor Dr. Newton Carneiro Affonso da Costa*. In: **História da Ciência: Depoimentos orais realizados pelos Arquivos Históricos do CLE – Unicamp**. 1991. p. 34.

Luste Boulbina³⁹ afirma que objetos e sujeitos são correlacionados hierarquicamente privilegiando os assuntos tradicionais e os pesquisadores do norte, sendo desnecessário mencionar autores do sul e necessário mencionar os do norte para garantir a “cientificidade” de uma pesquisa. Tal fetichismo tradicionalista atribui valor a um pesquisador relativamente ao peso de sua especialidade, à importância já atribuída ao seu campo ou ao autor clássico que ele interpreta e aplica. Em consonância com esse quadro geral, novamente segundo Luste Boulbina⁴⁰, resulta que os estudos pós-coloniais estão marginalizados nas universidades francesas, de modo que para entrar nelas na área de filosofia é melhor ter trabalhado com Rousseau que com Fanon. Essa ordem que se observa na pesquisa é ainda mais forte no recrutamento de professores, sendo a nacionalidade critério tão eficiente que “a quase totalidade dos professores é francesa (e branca)”⁴¹.

Fazendo uma análise preliminar dos programas e bibliografias de disciplinas da *licence* em filosofia do ano letivo 2017-2018 da *Université Paris I – Panthéon Sorbonne*, ficou evidente a enorme importância de Platão, Aristóteles e Kant na formação oferecida pela instituição. O estudo de Descartes, Spinoza, Rousseau, Hume, Hegel, Mill, Marx e Nietzsche é bastante recorrente também e, quanto aos autores do século XX para cá, vê-se com frequência Habermas, Bergson, Sartre, Husserl, Heidegger, Deleuze, Foucault e Rawls. Nas mais de duas centenas de nomes de autores considerados nos programas de cursos, muito poucos não são homens brancos ocidentais, como os raramente mencionados Hannah Arendt, Mary Shelley, Mary Wollstonecraft, Tchouang-Tseu, Averroès e C. L. R James. No recorte temático das disciplinas é recorrente o estudo do cânone ocidental e a ausência de consideração de questões fundamentais na configuração do mundo contemporâneo como a escravidão racializada ou o colonialismo. Se essa amostra for significativa da formação naquela universidade, então a situação descrita por Luste Boulbina está sendo ali perpetuada na formação de uma próxima geração de filósofos e pesquisadores da área.

Ao levar em conta as críticas aos estudos universitários de filosofia no Brasil lidamos com questões que não são provincianas. De fato, elas ultrapassam o âmbito das missões francesas, da USP e sua zona de influência, mirando uma escola de historiografia da filosofia que se estabeleceu paralelamente ao desenvolvimento do segundo império colonial francês. Com nomes como Victor Cousin, Félix Ravaisson, Jules Lachelier e Émile Boutroux, esse grupo influenciou a maneira de ensinar filosofia do século XIX até os dias de hoje na França e,

³⁹ LUSTE BOULBINA, Seloua. *Decoloniser les institutions*. **Mouvements**. vol. 72 (nº 4). 2012. p. 131-141.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*. p. 136.

segundo Arantes⁴² e Ubirajara Marques⁴³, estabeleceu as bases da ênfase exegética nos estudos de filosofia praticados nas universidades brasileiras. Cousin, segundo Lucie Rey⁴⁴, fazia das doutrinas do passado monumentos mortos que bloqueavam a possibilidade de pensar no presente. Apesar de criticar o ecletismo de Cousin com suas interpretações enviesadas dos *grandes pensadores* do passado, Ravaisson e Lachelier continuaram com concepção semelhante a do predecessor de ser a filosofia um conjunto dado de doutrinas perenes. Conforme Marques⁴⁵, Lachelier, professor da *École Normale Supérieure* meio século antes de Maugüé ali estudar, defendia que a filosofia se aprendia toda feita pelo estudo dos mestres gregos, franceses e alemães. Esse patrimônio cultural destacado por Lachelier resulta de condições de reconhecimento e de transmissão históricas da filosofia nas quais não é plausível esperar que pensadores oriundos de populações que vinham sendo utilizadas como mão-de-obra vil no colonialismo sejam reconhecidos como filósofos. Nesses termos, ao sermos hoje *bons alunos* do cânone construído por essa escola, naturalizamos a construção fundamentada no racismo de que só mestres gregos, franceses e alemães filosofaram e nos voltamos aos seus herdeiros. Os filósofos do sul formados no eurocentrismo ficam, então, postos numa situação em que para si mesmos o reconhecimento de sua atividade depende dos pensadores e das instituições do norte, enquanto os pensadores do norte estão seguros de reconhecer toda a filosofia e seu desenvolvimento já entre os seus.

IV. Enriquecer de perspectivas, descolonizar a filosofia

As críticas à formação em filosofia que desenvolvi neste trabalho não pretendem desmerecer em bloco qualquer instituição de ensino superior brasileira ou francesa, nem tecer acusações simplistas e levianas às relações internacionais que intervirem nesse âmbito. Destacar isso é especialmente importante quando vivemos graves ataques às instituições mais fundamentais da cidadania no Brasil e, nesse contexto, desvalorização de suas universidades públicas e enfraquecimento do ensino de filosofia na educação básica. Com ou sem sucesso, meu objetivo é o contrário de qualquer afã meramente destrutivo. Pretendo que este trabalho, pensando relações de poder constitutivas de nossas instituições do saber, dê uma pequena

⁴² ARANTES, Paulo. *op. cit.*

⁴³ MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da filosofia*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

⁴⁴ REY, Lucie. *L'héritage de Victor Cousin dans l'enseignement de la philosophie en France*. **Revue Skhole.fr**. n° 20. 2014.

⁴⁵ MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. *op. cit.* p. 59-60.

contribuição ao fortalecimento de práticas de formação universitária voltadas para o trabalho aprofundado e rigoroso, com autonomia e equidade.

As instituições de formação em filosofia têm passado por disputas que vêm provocando uma abertura em ritmos e em conteúdos heterogêneos para tradições de pensamento não europeias. No Brasil, graduações de filosofia de algumas universidades como UFRB, UnB, UNILAB, e UNILA oferecem disciplinas de Filosofia Africana, Filosofia na América Latina ou Filosofia Oriental. A UnB oferece como disciplinas optativas de graduação Filosofia Oriental, Filosofia na América Latina e Filosofia Africana há alguns anos, mantendo, no entanto, uma tendência nitidamente eurocêntrica nas disciplinas obrigatórias da formação ofertada. Cruzando o Atlântico, enquanto o cenário parece seguir bastante tradicional e eurocêntrico na *Paris I*, o *Collège International de Philosophie* e a *Université Paris VIII* desenvolvem pesquisas, publicações e formação mais abertas ao pensamento do antigo mundo colonial. Exemplo disso é a oferta no ano letivo de 2017-2018 para estudantes de *licence* e *master* em filosofia da *Paris VIII* de disciplinas que tratam de temas relativos à África, à negritude, à criouliização (*créolisation*) e às críticas pós-coloniais e decoloniais à concepção da história contando com obras de africanos e latino-americanos em suas bibliografias.

Contudo, a via de descolonização da filosofia pelo alargamento de seus horizontes⁴⁶ de formação e pesquisa está longe de chegar a termo com uma inclusão ainda excepcional de tradições e problemas provenientes do sul mundial. Avaliando com alguma brutalidade, essas mudanças testemunham talvez somente a passagem de um absoluto não reconhecimento de filosofias não ocidentais a um seu reconhecimento confinado e excepcional. Ora, descolonizar as instituições do saber consiste, como para Luste Boulbina⁴⁷, em aceitar os “anormais” da pesquisa e do ensino de modo que eles deixem de ser anormais. Assim, a excepcionalidade de disciplinas com tais temáticas ou a excepcionalidade de considerar intervenções não ocidentais para pensar tópicos considerados clássicos para o pensamento ocidental são ainda expressões da persistência de efeitos da hierarquização racista da humanidade. Um pouco mais além, também uma periodização padrão da filosofia referenciada exclusivamente ou primeiramente pela experiência europeia tem o efeito de excluir ou ao menos subalternizar perspectivas teóricas e práticas da humanidade, como se daria se fosse necessário apresentar

⁴⁶ Conforme KISUKIDI, Nadia Yala. *Décoloniser la philosophie ou de la philosophie comme objet anthropologique*. **Présence Africaine**. vol. 192. 2016. p. 83-98.

⁴⁷ LUSTE BOULBINA, Seloua. *op. cit.*

contribuições do pensamento de Davi Kopenawa Yanomami⁴⁸ para o que se entende de forma eurocêntrica como filosofia contemporânea para considera-lo nos estudos da área.

Com o que consideramos acima devemos perceber que Jean Maugüé, ao dizer que os índios não sabiam nada do mundo⁴⁹, e os departamentos que praticam a filosofia como ele, ou seja, supondo ser relevante exclusivamente a tradição ocidental, testemunham a pobreza do que eles mesmos sabem do mundo. Descolonizar a filosofia é enriquecê-la de perspectivas. Para fazê-lo, porém, algumas perspectivas precisam deixar de ser reconhecidas e de se conferir privilégios como se fossem as únicas. Como em outros âmbitos, no campo do saber o “anti-racismo trata-se verdadeiramente de partilha radical e inclusão universal”⁵⁰. Defender privilégios epistêmicos de matriz colonial, especificamente defender estudos de filosofia que só cultivam a tradição ocidental, é defender uma das expressões do racismo.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Paulo. *Um Departamento Francês de Ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- ARMIJOS PALÁCIOS, Gonçalo. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio*. Goiânia: UFG, 1997.
- LUSTE BOULBINA, Seloua. *Decoloniser les institutions*. **Mouvements**. vol. 72 (nº 4). 2012. p. 131-141.
- CABRERA, Julio. *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
- _____. *Comment peut-on être un philosophe français au Brésil ?*. **Cahiers Critiques de Philosophie**. nº 16. Août-septembre 2016, p. 59-85.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em Filosofia da Educação. Universidade de São Paulo, FEUSP, 2005.
- CARVALHO, Marcelo. *Passé et présent de la philosophie au Brésil*, **Rue Descartes**. nº 76. 2012. p. 126-136.
- CORDEIRO, Denilson Soares. *A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade de São Paulo, FFLCH, 2008.

⁴⁸ KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁴⁹ MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel, 1982. p. 121.

⁵⁰ MBEMBE, Achille. *op. cit.* p. 44.

- DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA. **Professores do departamento**. Disponível em: <<http://www.filosofia.fflch.usp.br/docentes>>. Acesso em 01 julho 2018.
- DUSSEL, Enrique. *Una nueva edad en la historia de la filosofía: el diálogo mundial entre tradiciones filosóficas*. **Educación Superior**. n° 43-44. jan/abr. 2009. p. 44-58.
- FIGUEIREDO, Vinicius de et al., *Comment peut-on être philosophe...au Brésil ?*. **Rue Descartes**. n° 76. 2012. p. 1-6.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *Entrevista*. **Ensaio Filosóficos**. v. 15. Julho/2017. p. 152-165.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **La mission française à l'Université de São Paulo**. Disponível em : <<https://bndigital.bn.gov.br/francebr/frances/usp.htm>>. Acesso em 01 julho 2018.
- GOMES, Janaína Damaceno. *Os Segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, FFLCH, 2013.
- KISUKIDI, Nadia Yala. *Décoloniser la philosophie ou de la philosophie comme objet anthropologique*. **Présence Africaine**. vol. 192. 2016. p.83-98.
- KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da filosofia*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- MAUGÛE, Jean. *O ensino de filosofia e suas diretrizes*. **Kriterion**. no 29-30. jul-dez 1954. p. 224-234.
- _____. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel, 1982.
- MBEMBE, Achille. *Decolonizing the university: New directions*. **Arts & Humanities in Higher Education**. n° 1. 2016. p. 29-45.
- NOBRE, Marcos. *Du paradigme de la « formation » aux « réseaux contre-hégémoniques » – la philosophie au Brésil*. **Rue Descartes**. n° 76. 2012. p. 121-142.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. *Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia*. **Fundamento**. V. 1, N. 1 – SET.-DEZ. 2010. Disponível em: <www.revistafundamento.ufop.br/Volume1/n1/vol1n1-2.pdf>. Acesso em 28 Abr 2014.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. In: _____. *Cuestiones y horizontes: de la dependência histórico-estructural a la colonialidade/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 777-832.

REIS, Teófilo. *Carta aberta ao Departamento de Filosofia da UNICAMP*. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/carta-aberta-ao-departamento-de-filosofia-da-unicamp/>>.

Acesso em 01 julho 2018.

REY, Lucie. *L'héritage de Victor Cousin dans l'enseignement de la philosophie en France*.

Revue Skhole.fr. nº 20. 2014.

SEABRA, Murilo. *A arte de analisar poeira: uma rediscussão*. **RESAFE**. nº 3. 2004.

_____. *Neutralizando o argumento da qualidade: resultados preliminares de um estudo de filosofia experimental*. **Revista ideiação**. nº 35. Jan./jun. 2017. p. 133-191.

SILVEIRA, Gabriel. *A modernização do pensar como violência: o legado das missões francesas da USP e o caso Jean Maugüé*. **Problemata**. v. 6. 2015. p. 202-221.

TERRA, Ricardo. *Não se pode aprender filosofia, pode-se apenas aprender a filosofar*.

Discurso. nº 40. 2010. p. 9-38.